

SODRÉ, Nelson Werneck. A farsa do Neoliberalismo.
Rio de Janeiro: Graphia, 1996. 120p.

O historiador Nelson Werneck Sodré tem publicados, até o momento, 56 livros, alguns com várias edições, como **Formação histórica do Brasil** (que está na 13ª edição), todos relacionados nas páginas IV e V da obra ora resenhada. Mesmo entre os que discordam das suas posições, por questões metodológicas ou por motivos político-ideológicos, existe uma quase unanimidade em admitir ser ele um autor indispensável para se conhecer a História do Brasil inserida no contexto da História Geral.

No início dos anos sessenta, lançou, como co-autor, **História Nova do Brasil**, em seis volumes, causando rebulição nas discussões político-ideológicas, a ponto de deixar até gorilas eriçados. E agora, aos oitenta e seis anos de idade, marxista convicto, Nelson Werneck Sodré dá um exemplo de vitalidade política e intelectual, através desse seu trabalho (o último, segundo afirmou à revista **Veja**).

O neoliberalismo é a mais recente estratégia do capitalismo para continuar-se mantendo. Desde a queda do Muro de Berlim (apesar de outros muros continuarem dividindo a humanidade), fala-se em “fim da História” (Fukuyama) e, também, em um mundo criado por Deus, constituído de indivíduos diferentes - o que por si só justifica as diferenças socioeconômicas, já que estas emanam da criação divina (Roberto Campos) - versões redivivas de Cellarius e Bossuet, respectivamente.

Contudo, essas manifestações - e muitas outras de cunho oportunista, como se o mundo tivesse chegado ao seu ponto ótimo, e a humanidade, ao seu destino glorioso - vêm gerando reações serenas, porém, suficientemente críticas, sérias e objetivas.

A farsa do Neoliberalismo é um conjunto de ensaios e artigos de Werneck Sodré, que constitui uma verdadeira exegese do neoliberalismo e da sua associada, a globalização, tanto no plano interno do país, como no externo, com todas as implicações recíprocas.

Atualmente, há uma ênfase desvairada, em nível federal, estadual e municipal, à economia de mercado, ao enxugamento do serviço público e às privatizações de empresas públicas, como se isso significasse, necessariamente, a reordenação

e o reequilíbrio nacional, por um passe de mágica e, por consequência, o próprio fim da História. Sobre isso diz o autor: “A área dominante (no mundo atual) formula (...) a doutrina conhecida como neoliberalismo”(p. 4), que nada mais é que um “liberalismo novo” (p. 40), a estabelecer uma nova ordem na qual “o liberalismo é a doutrina essencial, fora da qual não há salvação”(p. 41).

E, na prática, quais têm sido os resultados do neoliberalismo nos países envolvidos? O desemprego e a intensificação das desigualdades sociais, além de uma concentração de poder, em nível mundial, nos componentes do G-7. Isso tudo já vinha existindo sob outras formas, é verdade, mas o neocomponente extremamente preocupante vem a ser o agravamento do quadro existente, como nos casos do México, da Argentina (já exaustivamente divulgados) e do Brasil (que sentimos conosco, nas ruas, nas escolas, nas portas de nossas casas). A França, recentemente, foi abalada por uma greve geral dos trabalhadores, com a finalidade de preservar os direitos considerados ultrapassados pelos neoliberais. A Inglaterra passa por um quadro eleitoral que deverá marcar a derrota dos neoliberais, representados por Margareth Thatcher, que nada mais fizeram do que aumentar a crise social, nos anos em que estiveram no poder.

O autor dedica um capítulo à questão do mercado, onde discute a validade do enxugamento exagerado do Estado. Ali, ressalta a importância do Estado como regulador da economia, nos países economicamente dependentes, como o caso do Brasil. Todavia, há uma contradição a ser considerada, ou seja, o fato de não existir Estado neutro, acima da sociedade, desligado das suas condições. Afirmar o contrário é o mesmo que tentar encobrir a ligação do Estado “com interesses privados, insaciáveis em sua cobiça e absolutamente desinteressados do que o povo necessita, estima e carece” (p. 72).

Dito de outra forma, antes de se enxugar o Estado e entregar seus serviços a grupos privados, o que caberia mesmo é esta reflexão: O Estado está realmente falido ou será que os grupos que o controlam estão levando-o à falência, tendo o neoliberalismo como base teórica e pretendendo apossar-se das funções de caráter privado? E quanto custará essa substituição no exercício das funções? Pois, afinal, nenhum grupo privado assume funções sociais de graça.

O autor encaminha o seu raciocínio por aí, procurando despertar no leitor a atenção para compreender a essência do neoliberalismo, uma nova teoria criada para justificar práticas antigas de dominação, ainda presentes na realidade mundial de hoje, com novas formas (pp. 87-92). E encerra o livro, questionando o papel da democracia diante de um quadro tão adverso em relação às igualdades socioeconômicas, bem como o papel da mídia em “preparar” constantemente a cabeça dos consumidores no sentido de que tudo vai indo muito bem e que as diferenças são naturais (pp. 116-120).

O livro **A farsa do Neoliberalismo** é recomendado a estudantes da área de ciências sociais e ao público em geral, pois, afinal, quem não está sentindo os efeitos da nova doutrina, em sua vida particular?

Prof. João Luiz Gonzaga Peçanha
(Departamento de Ciências Sociais)